

AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS A PARTIR DO TEMA ÁGUA

Formative evaluation in children's education: didactic sequences from the water theme

Priscila Eduarda Dessimoni Morhy [*primorhy@hotmail.com*]

Augusto Fachín Terán [*fachinteran@yahoo.com.br*]

Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Escola Normal Superior (ENS)

Avenida Djalma Batista, 2470, Chapada – Manaus – AM - 69050-010, Brasil

Felipe da Costa Negrão [*felipe.unl@hotmail.com*]

Universidade Nilton Lins (UNL). Parque das Laranjeiras - Av. Prof. Nilton Lins, 3259 - Flores, Manaus - AM, 69058-030, Brasil.

Recebido em: 11/12/2018

Aceito em: 09/07/2019

Resumo

A avaliação formativa na Educação Infantil é consequência do processo educacional e suas práticas escolares diárias. O nosso objetivo foi realizar uma avaliação formativa usando o sentimento de pertença das crianças em relação à água em espaços educativos de ensino. A pesquisa é de abordagem qualitativa e descritiva do tipo participante. Foi realizada com 50 crianças pequenas da Educação Infantil e duas professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil de Manaus, Amazonas. A Sequência Didática foi usada para a organização das atividades desenvolvidas, bem como para uma avaliação da relação dos pequenos com o elemento água. Oportunizar o sentimento de pertença quanto a este elemento foi uma experiência essencial na vida dos pequenos, uma vez que o saber torna-se consolidado ao ser associado a questões do cotidiano. Encorajamos professores e pesquisadores a realizar uma avaliação formativa a partir da Sequência Didática, pois esse assunto é muito debatido, mas pouco usado nos programas pedagógicos de nossas escolas.

Palavras chave: Educação infantil. Pertencimento ambiental. Avaliação formativa. Água.

Abstract

The formative assessment in early childhood education is a consequence of the educational process and its school practices. Our objective was to conduct a formative evaluation using children's sense of belonging in the relation to water in educational spaces. The research is qualitative and descriptive approach of the participant type. It was carried out with 50 small children in early childhood education and two teachers in a Municipal Infant Education Center in Manaus, Amazonas. The didactic sequence was used for the organization of the activities developed, as well as for an evaluation of the relation of the small ones with the water element. Opting for environmental belonging to this element was an essential experience in the life of the little ones, since knowledge becomes consolidated by being associated with everyday issues. We encourage teachers and researchers to conduct a formative evaluation from the didactic sequence, since this subject is much debated but little used in the pedagogical programs of our schools.

Keywords: Child education. Environmental belonging. Formative evaluation. Water.

Introdução

A educação como elemento formador fundamental do ser humano, é uma via de contribuição para a preservação e conservação da água e deve ser trabalhada sistematicamente em todos os níveis de ensino. Nesse sentido, as práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil dentro da “sala de referência” são de suma importância para o despertar das inter-relações e conexões com a água a partir dos primeiros anos de vida (Brasil, 2010). Estas inter-relações são intrínsecas no ser humano, e contribuem para construir na interioridade humana sentimentos de cuidado, respeito, afetividade, integração e interação com o elemento água, questões que além de estarem inseridas na DCNEI e no ensino de Ciências na Educação Infantil, também fazem parte e objetivam o trabalho da Educação Ambiental (Brasil, 2010).

A Educação Ambiental (EA) contribui para mudança de hábitos e de comportamentos, e é uma solução em detrimento à postura capitalista e utilitarista da sociedade do século XXI, onde o importante é “ter” e não “ser”, essa visão antropocêntrica prejudica o ambiente, visto que todos compartilham do Planeta Terra. A EA é considerada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) um tema transversal, portanto, pode e deve ser trabalhada desde a Educação Infantil seja em sistema formal de ensino ou não formal (Brasil, 1998). A Lei nº 9.795, promulgada em 27 de abril de 1999 institui a Política Nacional de Educação Ambiental, pois, necessitamos de mudanças coletivas de pensamento e de sentimentos em relação à água e a toda a diversidade natural existente.

Em consonância com a prática avaliativa integral da criança, enquanto indivíduo único e autor de seu próprio conhecimento, primamos por uma avaliação que compreenda aspectos intangíveis assim como o pertencimento. Ciasca e Mendes (2009, p. 303) enfatizam uma avaliação holística no processo de ensino que possa desenvolver:

outros aspectos pedagógicos, trabalhar todas as dimensões do ser humano (emocional, corpórea, política, espiritual e ética), associadas ao prazer pela descoberta da construção de significados com o mundo. Assim, discutir amplamente as concepções e práticas de avaliação faz-se necessário e urgente para a construção de uma formação cidadã na infância.

Nesse contexto, o nosso objetivo foi realizar uma avaliação formativa usando o sentimento de pertença das crianças em relação à água em espaços educativos de ensino que possibilitaram o contato, brincadeiras e experiências das crianças com esse elemento.

A Sequência Didática e seu uso na Educação Infantil

Historicamente a Sequência Didática surgiu em 1980 com o intuito de contribuir na aprendizagem da língua materna na França, pois ela visava o abandono de um ensino fragmentado e sem conexão, na época foi revolucionário, pois objetivava implementar um ensino integrado, apesar de muita resistência, aos poucos a ideia foi se estabelecendo. Porém no Brasil apenas após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1992 é que a Sequência Didática é inserida em nosso país (Oliveira, 2013, p. 53).

A Sequência Didática atualmente é utilizada como ferramenta para que o professor tenha “atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18), permitindo que as atividades desenvolvidas pelo docente transcorram sem contratempos, visto que ele segue um roteiro definido, contribuindo para uma assimilação maior das crianças.

Neste trabalho utilizamos esta ferramenta educativa como um meio para conectar as crianças pequenas ao elemento água de forma profunda e sensível, pois as DCNEI (Brasil, 2010, p.26) enfatizam a importância de se trabalhar na Educação Infantil brincadeiras e experiências que

permitam “a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza”. Para que isto aconteça, é fundamental elaborar as atividades com objetivos definidos, que norteiem o docente sobre por que fazer e como fazer.

Os espaços educativos de ensino são grandes aliados quando se pretende desenvolver Sequências Didáticas na Educação Infantil, pois oportunizam experiências das crianças pequenas com o meio ambiente e com aspectos voltados à sua conservação e preservação, e segundo as DCNEI são atividades que devem fazer parte do cotidiano escolar (Brasil, 2010, p.26). Nesses espaços é possível construir aprendizagens, tendo em vista a sua localização, infraestrutura e potencial pedagógico. Fazer uso desses espaços na Educação Infantil é essencial para a ampliação dos saberes das crianças pequenas, possibilitando conhecimentos para além do espaço da sala de aula.

Procedimentos Metodológicos

Nossa abordagem é do tipo qualitativo, em razão de supor o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente trabalhado e a situação que está sendo investigada. A intenção do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas (Ludke & André, 1986).

A pesquisa participante foi fundamental, por permitir ao pesquisador um maior envolvimento com os pesquisados no processo da pesquisa (Gil, 2008). Assim a interação do pesquisador com as crianças contribui para a investigação de comportamentos e atitudes das mesmas durante o processo investigativo.

Os sujeitos foram crianças de duas turmas do 2º período da Educação Infantil, com idade de 5 anos. Cada turma possuía 25 crianças pequenas, totalizando 50 crianças e 2 professoras. A proposta foi submetida à Plataforma Brasil para apreciação do Comitê de Ética, atendendo as normas referentes às recomendações éticas e legais contidas na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), sendo aprovado por meio do parecer nº 1.935.560.

A pesquisa se deu em três espaços distintos. Primeiramente os encontros no ambiente formal, o CMEI Professora Maria de Fátima Marques Campos, localizado na Zona Oeste da cidade de Manaus, sendo escolhido pelo fato de desenvolverem atividades em espaços não formais anualmente, e por se localizar próximo a um desses espaços, o que possibilitou um deslocamento mais ágil e seguro.

O segundo espaço escolhido para as Oficinas Sensoriais foi o Previdenciário Clube do Amazonas que está localizado na Zona Oeste de Manaus, administrado pela associação dos funcionários da previdência social do Amazonas. Este local possui um igarapé em boas condições de preservação, com água cristalina e transparente, onde é possível observar os peixes que o habitam. Em seu entorno possui uma área florestal ampla onde é possível observar e escutar os sons da natureza. O Clube possui estruturalmente duas piscinas de água natural uma para adultos e outra infantil com cinco duchas. O abastecimento de água das piscinas se dá pela contribuição de um igarapé, que em seu curso atravessa os dois ambientes, o que possibilita a interação direta do indivíduo com a água natural.

O terceiro espaço foi o Parque Municipal do Mindu, localizado na Zona Centro-Sul da cidade de Manaus. O local já foi descrito por Maciel e Fachín-Terán (2014). Após uma visita prévia em junho de 2016, observou-se que o ambiente possui uma vasta área verde onde é possível encontrar roedores como a “cutia” (*Dasyprocta* spp.) e várias espécies de aves no decorrer da trilha. Uma característica marcante do local é o igarapé do Mindu que perpassa por dentro do parque, e foi escolhido para tornar possível que a criança observe a realidade do igarapé. Além disso, neste local

existe uma ligação direta com a natureza, pois as trilhas foram desenvolvidas com baixa interferência antrópica sendo possível trabalhar todos os sentidos.

Neste trabalho utilizamos a Sequência Didática como um meio para conectar as crianças pequenas ao elemento água de forma profunda e sensível, pois as DCNEI (2010, p.26) enfatizam a importância de se trabalhar na Educação Infantil brincadeiras e experiências que, permitam a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza. Para que isto aconteça, é fundamental elaborar as atividades com objetivos definidos, que norteiem o docente sobre por que fazer e como fazer.

Escolheu-se a Sequência Didática como forma de diversificar as práticas pedagógicas, com o objetivo de despertar nas crianças pequenas o sentimento de pertença, pois o “pertencimento ou sentimento de pertença é algo que brota da interioridade humana, se dizer pertencente a algo ou alguma coisa, é estar conectado ao outro, a um lugar ou ao meio ambiente e aos recursos naturais, se enquanto ser humano não me conecto ao meio, as ações destrutivas perante a natureza não me afetam” (MORHY, 2018, p.33). As práticas, levaram em consideração suas vivências e experiências com o elemento água, bem como a possibilidade de a partir das atividades sequenciadas interpretar sinais de pertencimento ambiental (respeito, cuidado e gratidão) os quais foram baseados em indicadores qualitativos.

Também foram trabalhadas oficinas, que são ambientes de formação de conhecimento a partir de práticas educativas e quando aliadas a EA e aos sentidos, contribuem na construção de “ações que refletem a busca de respostas, e primordialmente, de questionamentos sobre o tema referido, configurando as múltiplas relações entre educação/ indivíduo/ coletivo/transformação” (Vega & Schirmer, 2008, p.394).

Realizamos duas aulas de campo com o tema “oficina sensorial”, pois segundo Anastasiou (2014) a oficina possibilita pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, podendo utilizar músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisa de campo, experiências práticas, vivenciar ideias, sentimentos, experiências em um movimento de transformação individual e coletiva, o que possibilitou o emergir do sentimento de pertença das crianças pequenas em relação à água, pois nos espaços não formais puderam vivenciar experiências únicas e construir saberes ambientais no meio natural como um todo.

Para avaliarmos os pequenos de forma a ressignificar as práticas pedagógicas, valorizamos suas vivências, culturas e contextos, e seguimos três pressupostos básicos, que vão de encontro a esse nível de ensino, os quais são:

- 1) uma proposta pedagógica que vise levar em conta a diversidade de interesses e possibilidades de exploração do mundo pela criança, respeitando sua própria identidade sociocultural e proporcionando-lhe um ambiente interativo, rico em materiais e situações experienciadas;
- 2) um professor curioso e investigador do mundo da criança, agindo como mediador de suas conquistas, no sentido de apoiá-la, acompanhá-la e favorecer-lhe novos desafios;
- 3) um processo avaliativo permanente de observação, registro e reflexão acerca do pensamento das crianças, de suas diferenças culturais e de desenvolvimento, embaixador do repensar do educador sobre o fazer pedagógico (Hoffmann, 1996, p.19).

Dessa forma, pudemos avaliar não como julgamento, mas como campo de observação, as mudanças, hábitos e atitudes das crianças participantes da pesquisa, em sua rotina na escola ao utilizar a água, bem como o não desperdício da merenda e a destinação correta dos resíduos. Ao trabalharmos a temática água, são intrínsecas a ela outras questões ambientais, as quais também permearam nossa sequência de atividades.

Resultados e Discussão

O uso dos sentidos a partir de experiências com a água em espaços educativos

Os espaços educativos de ensino são grandes aliados quando pretende-se desenvolver Sequências Didáticas na Educação Infantil, pois oportunizam experiências das crianças pequenas com o meio ambiente e com aspectos voltados à sua conservação e preservação, e são atividades que devem fazer parte do cotidiano escolar (Brasil, 2010, p.26).

Foram realizadas duas aulas passeios no mês de maio de 2017, a primeira no Previdenciário Clube e a segunda no Parque Municipal do Mindu, no período vespertino, com uma média de frequência de 30 crianças de duas turmas do 2º período da educação infantil.

A seguir descreveremos a experiência de forma diferenciada, uma vez que as aulas ocorreram em diferentes ambientes, mas ambas com o propósito de se desenvolver oficinas sensoriais, para que as crianças pudessem interagir e se conectar a natureza e ao elemento água a partir dos sentidos.

Oficina sensorial no Previdenciário Clube

A primeira atividade (aula passeio) ocorreu no Previdenciário Clube, que oportunizou realizar quatro momentos diferentes de atividades, intituladas estações do fazer, buscamos através desse momento realizar práticas diferenciadas com as crianças. Silva e Frezza (2010, p. 49) abordam sobre a importância de revermos nossas práticas em relação à Educação Infantil, para que não sejam monótonas, mas sim possam estar voltadas para “experimentação de objetos, das texturas, dos sons e das sensações em geral”.

O ambiente do Previdenciário Clube possibilitou a relação dos sentidos das crianças pequenas com o meio ambiente, pois este local apesar de ser um ambiente modificado pelo homem, nele pode-se observar muitos animais silvestres e árvores, sendo possível ouvir o som do vento ao bater em suas folhas. A presença de um igarapé de água limpa foi essencial para estabelecer uma relação de aproximação dos pequenos com o meio natural.

A primeira estação do fazer foi o Igarapé, que proporcionou às crianças a observação da cor da água e de toda a biodiversidade presente naquele espaço. As crianças se mostraram admiradas ao visualizar os peixes e ao questioná-las sobre a cor da água alguns responderam ser “*amarela*” outros “*marrom*”, mas todas em comum acordo disseram ser possível ver o fundo da água, o que corrobora a preservação do ambiente.

Ainda nessa estação as crianças puderam relatar suas experiências a partir da audição, pois todos ficaram em silêncio para sentir e escutar a natureza e ao indagá-los sobre os sons, as expressões das crianças foram: - *Eu escutei professora o som do pássaro!* - *O barulhinho da água daqui!* – *Eu ouvi o grilo.*

Esse momento foi fundamental para que eles pudessem apreciar e refletir que a natureza possui sons como uma linguagem, e que compreendê-los é um caminho para estarmos educados ambientalmente desde a primeira infância reconectando “ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente conhecimento e vida” (Tiriba, 2010, p. 02).

Em sequência demos início à segunda estação do fazer nas duchas de água natural do clube que são abastecidas pela água do próprio igarapé, dessa forma as crianças puderam sentir a temperatura e o odor da água, e sentir essas sensações em seus corpos promoveu uma maior interação dos pequeninos com esse elemento. Essas sensações no corpo da criança pequena superam o tempo do relógio, ou seja, ficarão gravadas em sua memória para sempre (Silva & Frezza, 2010, p.51).

Enquanto as crianças sentiam a água com seus pequenos corpos, perguntávamos sobre o odor, a temperatura e o que eles sentiam naquele momento, e obtivemos tais respostas a seguir:

Criança Cinthia: - A água tem cheiro das folhas.

Criança Paula: - Ela está fria

Criança Pedro (Complementa a fala de Paula): - Ela é fria porque é da natureza.

Criança João: - É gostoso.

Criança Suelen: Ela refresca.

Criança Miguel: - A água tem cheiro de peixe

Criança Fábio: - Está gelada! É legal.

Oliveira e Vargas (2009, p. 309) orientam que essas interações promovem um resgate das relações indivíduo e natureza, por isso a relevância de se desenvolver práticas que aguçam os sentidos das crianças pequenas. As sensações despertadas durante a oficina demonstram sinais de pertencimento em relação à natureza.

Demos seguimento à atividade na terceira estação do fazer que aconteceu na piscina infantil, na primeira etapa realizamos uma encenação, onde dois adultos descartavam materiais plásticos diversos dentro da piscina, nesse momento as crianças ficaram bastante revoltadas com a situação e gritavam desesperadamente: - *Não faz isso (Indignados)*, muitas vaias são ouvidas, - *Tira o lixo, - Isso é ruim para as pessoas e para os peixes.*

Após a encenação, perguntamos se as crianças gostariam de limpar a água recolhendo os materiais que foram descartados de forma errônea, e deste modo puderam refletir sobre as atitudes diárias em relação à água, e todas se dispuseram a participar com um lindo sorriso no rosto.

Ainda nesta estação do fazer as crianças pequenas tiveram um momento para brincar com a água e assim estimular seus órgãos sensoriais, uma vez que essa prática está inserida na DCNEI (Brasil, 2010), com o objetivo de prover a interação e a reconexão da criança com esse elemento.

Esse momento em particular foi algo muito especial, pois todas as crianças estavam radiantes em poder vivenciar essa experiência, elas brincaram na água e ao final fizemos uma roda para cantar a música “Água e vida”. Estimular as crianças através dos sentidos e sensações é crucial para o desenvolvimento sensível e cognitivo das mesmas (Alencar & Fachin-Terán, 2015, p.41).

Elas se expressaram a partir de suas falas como: - *Tô feliz! – Ta frio mas tô feliz! – Não tô com frio não, não quero sair! – É muito gostoso.* Essas falas nos remetem a Oliveira e Vargas (2009, p. 315) quando eles dizem que só gostamos daquilo que conhecemos, e para isso é necessária uma relação contígua com a natureza. Por isso oportunizar esses momentos é fundamental, pois a criança passa a conhecer melhor o que a natureza nos concede e assim externa seus sentimentos construindo laços afetivos com o ambiente natural.

Para finalizar essa primeira aula passeio a partir de uma oficina sensorial oferecemos às crianças um piquenique natural (4ª estação do fazer), servimos frutas como melão, melancia e abacaxi com alto teor de água e sucos naturais de maracujá e acerola, proporcionando assim a compreensão para as crianças de que podemos encontrar água nos alimentos e que eles são importantes para o nosso organismo.

Questionamos as crianças sobre onde poderíamos encontrar água e uma delas automaticamente respondeu: - *Nas frutas, por que ela é gostosa, por que o nosso corpo precisa de água, e o nosso corpo tem água.* Demonstrando assim certo conhecimento sobre a importância das frutas para o corpo e que as mesmas contém água.

Oficina Sensorial no Parque Municipal do Mindu

A oficina contou com a presença de 32 crianças de duas turmas de segundo período da Educação Infantil, duas professoras, cinco mães voluntárias, quatro membros do Grupo de Estudo e Pesquisa de Educação em Ciências em Espaços Não Formais (GEPECENF) e dois guias do próprio parque. Os guias nos conduziram até o Igarapé do Mindu, por um local seguro e sem riscos de acidentes para as crianças, pois na região norte nessa época do ano (maio) é período de chuvas, e várias trilhas estavam úmidas e interditadas.

Fazer caminhada pelas trilhas com as crianças sem dúvida gerou uma grande expectativa, pois elas estavam curiosas, ansiosas e alegres pelo momento que iriam vivenciar. Guimarães (2006, p. 8) reconhece a importância das trilhas como um processo de aproximação entre homem e natureza, bem como para ele esses ambientes são considerados como:

Portais para aprendizados criativos e afetivos, onde a experiência ambiental relacionada a uma reflexão holística propicie descobertas que revelem caminhos de sensibilidade, da imaginação, da espiritualidade, conduzindo às vivências da paisagem mediante a recuperação e revitalização de valores e saberes tradicionais, do resgate de imagens simbólicas, míticas, refletidos nas percepções, interpretações e representações da paisagem, tanto na dimensão coletiva quanto individual.

Dentro dessa perspectiva e com o objetivo de integrar as crianças ao meio natural, logo que chegamos ao parque, os guias nos colocaram frente à “trilha da vida”, pois era a trilha que percorreríamos para iniciarmos a nossa oficina sensorial, sendo a mesma mais segura naquele momento, uma vez que o dia estava chuvoso.

A trilha é “pavimentada e adaptada para portadores de necessidades especiais, que recebe tanto portadores de necessidades especiais quanto idosos. Essa trilha nos leva até a praça da paz, um lugar bastante procurado para leitura e meditação” (Maciel & Fachín-Terán, 2014, p. 51), cercada por árvores e com a presença de animais de diversas espécies, os quais as crianças puderam observar e ouvir os sons da natureza.

Ao iniciarmos a trilha pedimos que as crianças a percorressem em silêncio e pudessem ouvir e observar tudo ao seu redor, durante o percurso os gravadores registraram as falas sobre o que elas viam e ouviam como: - *Olha formiga do mato!* – *Casa das formigas!* – *Cuidado com o formigueiro!* – *Olha macaco e os filhos do macaco!* – *Estou vendo abelhas* – *Uma borboleta branca.*

Estabelecer relações com a natureza é imprescindível, a partir das falas das crianças pudemos verificar que elas observaram atentamente a trilha, aguçaram os sentidos para que pudessem ouvir melhor e descrever o ambiente ao seu redor. Para Gadotti (2000, p.86) essa é uma forma de compartilhar a vida com todos os seres habitantes do planeta, e em consequência construir uma relação permanente com o meio ambiente.

É premente levar em consideração, os aspectos sentimentais das crianças pequenas em relação à natureza, permitindo que as práticas educativas colaborem no florescer do pertencimento utilizando a estimulação sensorial, e dessa forma expressarão o que sentem pelo o meio ambiente.

Após percorrermos a “Trilha da Vida”, chegamos à praça da paz, um ambiente tranquilo com banquinhos disponíveis para quem ali quiser fazer suas reflexões, meditações, orações e entrar em contato com a natureza, entretanto como o dia estava bem nublado, os guias não permitiram que ficássemos nesse ambiente, em seguida fomos guiados para outra trilha chamada de “Trilha da Cachoeira”, uma trilha natural não pavimentada onde o ápice dessa caminhada foi a chegada a “Trilha Suspensa” onde as crianças puderam observar o Igarapé do Mindu e contrastar esse ambiente com o da oficina anterior no Previdenciário Clube (Figuras 1 e 2).



Figura 1: Igarapé do Previdenciário Clube.



Figura 2: Igarapé do Mindu.

Fonte: Figura selecionada pelos pesquisadores a partir da coleta de dados.

Logo ao visualizarem o igarapé as crianças se mostraram revoltadas com a situação do ambiente, todos com expressão de assustados, indignada uma criança começou a gritar: - *Por que jogaram lixo não é bom, agora tem jacaré ali agora já era, as pessoas vão morrer daí!* Muitas crianças estavam com a expressão triste não acreditando no que viam, então fizemos alguns questionamentos (Quadro 1).

Quadro 1: Registro das falas das crianças em resposta aos questionamentos sobre o Igarapé do Mindu.

Questionamentos da Pesquisadora	Fala das crianças
Crianças vocês estão vendo essa água aqui? Essa água é igual à do previdenciário?	Várias crianças: - Não!
Por quê?	Criança Pedro: - Por que eles jogaram lixo! Criança Silvia: - Eles sujaram a natureza
Eles sujaram a natureza, quem que sujou a natureza?	Várias crianças: O homem!
O que vocês conseguem observar nessa água?	Várias crianças: - Lixo!
Que tipo de Lixo	Criança João: - Garrafa, plástico e pet! Criança Paula: - Tem vassoura, tem sacola!
Vocês acham que tem animais nessa água?	Criança Tiago: Tem jacaré! Criança Amanda: - A é tem jacaré! Criança Ana: tem um bem ali ó vindo para cá! Criança Sávio: Tem uma tartaruga ali olha! Criança Pedro (em resposta a Sávio): Que tartaruga é uma sacola!
Vocês gostariam de tomar banho nessa água?	Várias crianças: - Não!
Por que não?	Criança Pedro:- Por que ela tem cheiro de sujo! Criança Manoel: - Por que ta suja!

Os questionamentos durante a observação foram uma espécie de provocação às crianças sobre o que viam e sentiam, por se mostrarem tão decepcionadas a ponto de um sorriso do começo da oficina se transformar em olhares tristes e assustados. Eles puderam imergir na realidade do que ocorre atualmente com a natureza, a poluição, o distanciamento do ser humano com o meio natural, sensibilizando-os a partir do real, do palpável, eles puderam sentir de certa forma o quanto o homem pode ter atitudes negativas.

Para Peralta (2002, p. 116) apenas as aulas formais não desencadearão a sensibilidade das crianças, nem tampouco farão despertar sobre os problemas e questões ambientais, é necessário unificar a escola com ambientes externos que possibilitem essa aproximação.

(...) pensaremos, sentados em nossa sala de aula, da mesma forma como se estivéssemos com os pés mergulhados em uma cristalina água de corredeiras? O que poderá ser mais provocador na busca da essencialidade do conhecimento do que uma caminhada reflexiva à mercê dos quatro elementos? (Peralta, 2002, p.116).

Em sequência tivemos a oportunidade de seguir pela “Trilha da Nascente”, e os guias muito gentis nos levaram para que conhecêssemos a nascente do igarapé do Mindu, foi esclarecedor, pois as crianças puderam observar que de onde a água flui não há lixo, não há poluição, a água é limpa e transparente e não possui odor.

As crianças ficaram encantadas ao ver que naquele ambiente havia água limpa, e algumas pronunciaram-se: - *Agora estão cuidando da água! – Essa água nasce debaixo da terra! – A água está saindo da areia molhada!* Foi explicado que aquele ambiente era protegido dentro do parque, que a nascente era como um bebê, que deveríamos sempre cuidar para termos água limpa para todos os seres vivos, e que a água brotava sim da terra, pois ela era armazenada em épocas de chuva bem no fundo debaixo da terra.

Continuamos pela “Trilha da Nascente” até o chapéu de palha do parque, com o objetivo de finalizar a oficina com uma roda de conversa. Todos sentaram em círculo e foi possível notar que estavam diferentes do momento de sua chegada ao parque, suas expressões faciais tinham se modificado, e em suas falas pudemos confirmar que estavam abalados com a realidade que se depararam, apenas perguntamos o que eles sentiam naquele momento e logo uma criança respondeu: - *Estou muito triste!* E na sequência outras crianças falaram: - *Estou assustado, tem muito lixo! – Os Homens maus jogam o lixo! - Estou triste por que todo mundo joga lixo!* A partir dessas falas é importante salientar que a expressão “homens maus” advém de memórias e crenças das crianças acerca dos responsáveis pela poluição. O adjetivo negativo pode estar vinculado a registros mnemônicos de desenhos animados, ou até mesmo de peças teatrais vivenciados em outros momentos da construção da dissertação de Morhy (2018). De modo geral, a expressão denota o sentimento de pertença aliado ao sentimento de ojeriza para com aqueles que comprometem a sustentabilidade do meio ambiente.

Sem dúvida essa oficina modificou algo no âmago dessas crianças pequenas, atitudes e posturas positivas, bem como suas falas indicaram que elas sentem que pertencem à natureza e a água, por isso se entristeceram, ficaram indignados, sentiram a dor da fauna e da flora. Para Oliveira e Vargas (2009, p.319) “pertencer ao universo não tem início na idade adulta nem por um ato de razão” é necessário estarmos ligados, conectados com aquilo que amamos, que conhecemos que compreendemos, essa profunda ligação aconteceu a partir das experiências vividas por essas crianças tão pequenas, que descobriram que não existe vida despreendida da natureza.

Evidenciou-se que as crianças pequenas possuem uma conexão com a água e a natureza e que comportamentos que sejam prejudiciais a esse elemento se transformam no objetivo que as motive a fazer algo em sua proteção. Percebemos a importância de fortalecermos trabalhos pedagógicos que visem os sentimentos, emoções, afetividade das crianças como um meio de alcançarmos a tão sonhada sustentabilidade ambiental, a partir de um ensino de Ciências concreto que unifique espaços educativos formais e não formais, possibilitando uma visão ecológica de mundo para esses pequenos grandes seres humanos.

Considerações Finais

O nosso objetivo foi realizar uma avaliação formativa usando o sentimento de pertença das crianças em relação à água em espaços educativos de ensino. Tais espaços contribuíram para que houvesse um despertar para as questões ambientais mas especificamente a água. Nesse sentido, as crianças puderam questionar, levantar hipóteses, refletir e construir saberes que possibilitaram uma (re)conexão e o afloramento do pertencimento ambiental sobre o elemento água.

Propor uma avaliação formativa não é tarefa fácil, levando em consideração a exigência legal de números e conceitos que “determinam” a qualidade da educação de um grupo de estudantes e/ou escolas. Contudo, este trabalho apresenta dados positivos da realização de uma Sequência Didática que tem início na sala de referência (ambiente formal) e perpassa para campos não formais que reverberam vida e aprendizagem significativa.

A ideia de avaliar as crianças da Educação Infantil a partir de oficinas sensoriais legitima as experiências destacadas nas DCNEI que evocam uma Educação Infantil mais próxima à realidade da criança. Sendo assim, oportunizar o sentimento de pertença quanto ao elemento água foi uma experiência essencial na vida dos pequenos, uma vez que o saber torna-se consolidado ao ser associado a questões do cotidiano.

Encorajamos professores e pesquisadores para o uso de espaços não formais no processo educativo de crianças, adolescentes e adultos, uma vez que isto possibilita o uso de uma avaliação formativa, sendo está tão debatida, mas pouco usado nos programas pedagógicos de nossas escolas.

Agradecimentos. Agradecemos à FAPEAM pela bolsa de mestrado concedida a Priscila Eduarda Dessimoni Morhy e Felipe da Costa Negrão. Aos membros do grupo GEPECENF, pela colaboração no trabalho de campo.

Referências

- Alencar, R. N. B.; Fachin-Terán, A. (2015). **O processo de aprendizagem das crianças por meio da música e elementos sonoros em espaços educativos.** Manaus: Editora & Gráfica Moderna.
- Brasil. (2016). Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.** Brasil.
- Brasil. (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB.
- Brasil. (1999). Ministério da Educação e do Desporto, **Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n.79.
- Brasil. (1998). Secretaria Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais.** Brasília: MEC/SEF.
- Ciasca, M. I. F. L; Mendes, D. L. L. L. (2009). Estudos de avaliação na educação infantil. **Est. Aval. Educ.,** São Paulo, v.20, n.43.
- Gadotti, M. (2000). **Pedagogia da terra.** São Paulo: Peirópolis.
- Gil, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, S. T. (2006). Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem. In: Congresso Brasileiro de Planejamento e Manejo de

- Trilhas. **Anais** do I Congresso Brasileiro de Planejamento e Manejo de Trilhas. Rio de Janeiro. Volume único.
- Hoffmann, J. (1996). **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 8 ed. Porto Alegre: Mediação.
- Ludke, M.; André, M. E. D. A. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.
- Maciel, H. M.; Fachín-Terán, A. (2014). **O potencial pedagógico dos espaços não formais da cidade de Manaus**. Curitiba, PR: CRV.
- Oliveira, M. M. (2013). **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, T. L.; Vargas, I. A. (2009). Vivências integradas à natureza: por uma educação ambiental que estimule os sentidos. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.22.
- Peralta, C. H. G. (2002). Experimentos educacionais: eventos heurísticos transdisciplinares em Educação Ambiental. In: RUSCHEINSKY, Aloísio. (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto alegre: Artmed. Pp. 105-125.
- Silva, A. J.; Frezza, J. S. (2010). A construção das noções de espaço e tempo nas crianças da Educação Infantil. **Conjectura**, v.15, n.1.
- Tiriba, L. (2010). Crianças da natureza. **Anais** do I Seminário Nacional: Currículo em movimento: Perspectivas Atuais. Belo Horizonte.
- Vega, L. B. S; Schirmer, S. N. (2008). Oficinas ecopedagógicas: transformando as práticas educativas diárias nos anos iniciais. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.20.
- Zabala, A. (1998). **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed.